

**Preenchimento do sujeito no português do Brasil: colocação pronominal e satisfação do Princípio de Projeção Estendido**

**Subject filling in Brazilian Portuguese: pronoun placement and satisfaction of the Extended Projection Principle**

Maurício Rubens de Carvalho Guilherme\*  
mauricio.rubens@gmail.com  
FACISA-BH/UFMG

---

**RESUMO:** O presente artigo visa a discutir a relação existente entre os clíticos e o parâmetro *pro-drop* em frases com sujeitos impessoais no Português Brasileiro (PB). A pesquisa motivou-se inicialmente pela percepção de que, a exemplo do que foi relatado por Holmberg (2000) a respeito das línguas escandinavas, quanto à operação chamada *Stylistic Fronting*; a posição de sujeito em PB vem sendo cada vez mais preenchida por sintagmas de qualquer natureza (XP's) movidos para essa posição, ou nela inseridos, a fim de checar o Princípio de Projeção Estendido (EPP), o qual, segundo Chomsky (1998), requer que a posição de Spec-TP seja preenchida por um XP. A principal hipótese desse trabalho é de que clíticos pronominais, em especial o de primeira pessoa "me", se movem para a posição de sujeito sempre que essa se encontra vazia, ocasionando inclusive a ordem (cl+V) em início absoluto de frase, evidenciando uma inovação do PB.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sujeito nulo. Colocação pronominal. Português brasileiro.

**ABSTRACT:** The present article aims to discuss the relation between clitics and the *pro-drop* parameter in sentences with impersonal subjects in Brazilian Portuguese (BP). The research was motivated initially by the realization that, as it has been reported by Holmberg (2000) about Scandinavian languages, about the operation named *Stylistic Fronting*, the subject position in BP has been increasingly filled by XP's that moved to that position or were inserted in it in order to check the EPP feature, which, according Chomsky (1998), requires that Spec-TP is completed by an XP. The main hypothesis of this study is that pronominal clitics, especially first-person "me," move to subject position when it is empty, even promoting the order (cl +V) in absolute beginning of the sentence, evidencing an innovation of the BP.

**KEY-WORDS:** Null subject. Pronoun placement. Brazilian Portuguese.

---

\* Graduado em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É mestre em Linguística Teórica e Descritiva na área de Sintaxe Formal (UFMG) e professor no ensino superior de Belo Horizonte.

## **Introdução**

Dois temas têm sido bastante discutidos na literatura linguística: os clíticos e o sujeito nulo. O que se vê, entretanto, é que não há um consenso entre os autores com relação a esses assuntos. Para alguns autores, o Português Brasileiro, doravante PB, é uma língua que deixou de ser uma língua de sujeito nulo ou uma língua *pro-drop*, pois, com o passar do tempo, vem, cada vez mais, exigindo que a posição de sujeito seja preenchida por um item lexical; para outros, o é parcialmente, uma vez que admite construções em que o sujeito não seja realizado foneticamente. Mas será que não é mesmo foneticamente realizado? Autores como Holmberg (2000) têm demonstrado como esse preenchimento da posição de sujeito tem ocorrido de maneira especial em línguas escandinavas, o que nos leva a questionar se o mesmo não tem acontecido com o PB.

Quanto ao clítico, a discordância não é menor. Para certos autores, clítico pronominal é um núcleo sintagmático; outros o consideram um sintagma pleno. Algumas análises dão conta de que as mudanças pelas quais os clíticos têm passado ao longo dos anos ocorrem devido a fatores fonológicos, enquanto outros as atribuem a razões sintáticas, e por aí vão os desencontros.

Um fato, porém, claramente observável na Língua Portuguesa falada no Brasil é a preferência pela próclise no uso dos pronomes pessoais átonos, os quais são termos que, normalmente, exercem função de argumento interno de alguns verbos.

Em Portugal, entretanto, assim como recomendado pela gramática normativa, a sua posição com relação ao verbo é regida por um conjunto de regras, sendo a ênclise a ordem recomendada em contextos não marcados como afirmam Cunha e Cintra (1985): “[s]endo o pronome átono objeto direto ou indireto do verbo, a sua posição lógica, normal, é a ênclise”.

Levando-se em consideração a evidente preferência pela próclise e a quase total ausência de ênclise no PB, há que se considerar que sempre que o sujeito não for realizado, há uma grande possibilidade de o pronome átono aparecer em posição inicial da sentença. Logo, infere-se que a não realização fonética do sujeito está fortemente relacionada com a ocorrência do clítico em posição inicial absoluta na sentença, como nos exemplos abaixo.

- (1) a. Me disseram que você é encenqueiro.  
b. Me parece que as coisas estão boas para você.  
c. Me empresta o livro que você leu?

A ocorrência do pronome “me” em (1) é interessante, uma vez que ocorre em posição inicial de sentença, contrariando a Lei Tobler-Mussafia<sup>1</sup>, que postula que o pronome átono não pode figurar nessa posição em línguas românicas, como afirmam Abaurre e Galves: “[...] a restrição ao clítico em primeira posição é várias vezes violada no nosso corpus, inclusive em elocução formal” (ABAURRE; GALVES, 2002).

Neste artigo, veremos que, com o passar dos anos, o PB tem apresentado uma tendência ao preenchimento da posição de sujeito, o que o diferencia das línguas chamadas *pro-drop* ou línguas de sujeito nulo como o Português Europeu e o Italiano, por exemplo. Acontece que esse preenchimento nem sempre se dá através da inserção de um elemento que recebe Caso Nominativo. Como afirma David Adger (2003),

[o] islandês na realidade também nos dá maiores evidências de que o EPP estaria desassociado da checagem do Caso Nominativo. Nessa língua, é possível haver sujeitos dativos. Esses NPs, embora recebam Caso Dativo, aparecem na posição estrutural de sujeito (ADGER, 2003, p. 216-217)<sup>2</sup>.

A partir dessa afirmação, nossa hipótese é de que o mesmo ocorra no PB, uma vez que o clítico recebe normalmente Caso dativo ou acusativo. Além disso, outros trabalhos têm sido escritos defendendo o preenchimento da posição de sujeito, ou seja, Spec-TP, por elementos de categorias diversas como o trabalho de Buthers (2009), que defende a inserção do “lá” na posição de sujeito assim como ocorre no “there” do inglês.

---

<sup>1</sup> Lei Tobler-Mussafia: generalização proposta em 1875 por Alfred Tobler ao observar que as línguas neolatinas medievais não apresentam elementos átonos em início da frase. A “Lei Tobler-Mussafia” remete ao fato de não se atestarem, nas línguas antigas, sentenças com verbo em primeira posição (PAIXÃO DE SOUSA, 2004, p. 26). Esta generalização estabelece que um clítico não pode ser o primeiro constituinte da oração nas línguas românicas medievais (GALVES; BRITTO; PAIXÃO DE SOUSA, 2005, p. 13)

<sup>2</sup> Tradução nossa: “Icelandic actually also gives us some further evidence that the EPP property should be divorced from nominative case checking. In Icelandic, it is possible to have dative subjects. These are NPs bearing dative case, which, however, appear in the structural subject position.”

Abaixo analisaremos estruturas com sujeito indeterminado e com o verbo “parecer” inacusativo, que, embora tradicionalmente não apresentem um item lexical na posição de sujeito, serão cada vez mais precedidos pelo clítico “me”, o qual, em nossa análise, se fixará nessa posição para satisfazer uma necessidade que o PB vem apresentando de preenchimento da posição de sujeito.

## 1 O sujeito indeterminado

Esta pesquisa baseou-se nos dados obtidos no corpus do projeto NURC-RJ. Foram analisadas 161 entrevistas e os resultados encontrados estão na tabela abaixo. Os dados em (2), foram retirados desse projeto e estão aqui reproduzidos para exemplificar as ocorrências do sujeito indeterminado nas orações principais.

- (2)
- a. **Me** diziam que em parte parecia com bridge, se chama 'king'.
  - b. **Eles** nem dizem bilhão, é só bi porque dá muito trabalho dizer bilhão:
  - c. **Antigamente** chamavam botequim e o botequim...
  - d. **Lá em casa** chamavam de trezentos e sessenta e cinco dias, a banana.
  - e. **Então** colocaram lá dentro mais ou menos o triplo da lotação do teatro
  - f. \_\_\_\_ Disseram que ele era perigoso se contrariassem.

A tabela abaixo apresenta os dados de sujeito indeterminado de acordo com o item que precede o verbo, ficando, portanto na posição canônica do sujeito no PB.

**Tabela 1:** Sujeitos indeterminados em orações matrizes segundo o tipo de preenchimento do sujeito

Tipos de sujeito	N	%
1. “Me”	42	36
2. Eles	36	31
3. Sujeitos especiais <sup>3</sup>	21	18
4. Ø (sujeito nulo)	18	15
<b>Totais</b>	<b>117</b>	<b>100</b>

Conforme a tabela acima, das 117 ocorrências de sujeito indeterminado com os verbos citados acima, 42 só apresentavam o clítico de 1ª pessoa à esquerda do

<sup>3</sup> São considerados sujeitos especiais XP's adverbiais à esquerda do verbo.

verbo, como em (2a). Em 36 ocorrências, o clítico *me* não estava presente e o sujeito era preenchido pelo pronome pessoal *Eles*, como no exemplo (2b). Os exemplos (2c/d/e) expressam o que foi chamado na tabela de *Sujeitos especiais*. Trata-se de XP's de natureza adverbial, que, segundo Holmberg (2000), são capazes de checar o traço EPP, esses dados ocorreram 21 vezes. Por último, com apenas 18 ocorrências, estão os dados que apresentam sujeito nulo como estratégia de indeterminação do sujeito, que tem como exemplo o dado (20f).

Os resultados encontrados na pesquisa apontam para a confirmação do que vem sendo afirmado por Duarte (1996), entre outros, com relação ao preenchimento da posição de sujeito no PB. Para a autora, nos últimos dois séculos, a posição de sujeito vem, cada vez mais, sendo preenchida. Na tabela acima, fica clara a preferência pelo preenchimento da posição de sujeito, pois apenas 15% das ocorrências de sujeito indeterminado apresentam sujeito não realizado foneticamente, contra 85% de ocorrências em que há algum elemento à esquerda do verbo.

Como já foi apontado, Holmberg (2000) afirma que as línguas escandinavas tendem a mover um XP ou ainda inserir um elemento na posição de sujeito da sentença, que é a posição de Spec-TP, a fim de checar o traço [P] de EPP. Levando em consideração os dados encontrados por Buthers (2009), em que XP's expletivos são inseridos na posição de sujeito com o objetivo de checar EPP, como pode ser visto em (3), abaixo, argumenta-se, aqui, que o mesmo ocorre quando o clítico vem proclítico ao verbo de sujeito nulo, mesmo quando não há elementos que o atraiam para essa posição, engendrando uma sentença com clítico em posição inicial, como é o caso da indeterminação do sujeito em Português.

- (3)
- a. **Lá** vai a seleção brasileira para o jogo contra a Bolívia.
  - b. Será que **aqui** cabe um Mundo?
  - c. E “tamém” **ai** veio a “perca” da mãe dela pra cá...
  - d. **Lá** vem eles com mentira.
  - e. **Aí** vem ele.
  - f. **Ali** falta quase tudo.

Além disso, reforça uma tendência do PB a se aproximar de uma estrutura de língua V2, uma vez que, com a evolução do preenchimento obrigatório da posição

de sujeito, o verbo tenderá a aparecer na segunda posição da sentença, deixando-se de encontrar na língua estruturas com verbo em posição inicial de sentença, ou seja V1.

## 2 O verbo *parecer* inacusativo

Em um segundo momento, fez-se o levantamento das ocorrências com o verbo ‘parecer’ inacusativo, ou seja, aqueles que c-selecionam um sintagma complementizador (CP). Foram analisados 57 inquéritos retirados do Projeto Norma Linguística Urbana Culta – RJ (NURC-RJ). Do total de 120 ocorrências, 83, isto é, 69% das ocorrências foram do complexo “me parece”, enquanto 37 ocorrências, isto é, 31% delas, apareciam sem o pronome “me”.

**Tabela 2:** Verbo ‘parecer’ inacusativo

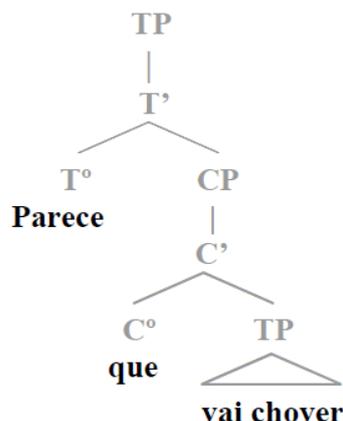
<b>Tipos de sujeito</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
1. Me parece...	83	69
2. Parece que...	37	31
<b>Totais</b>	<b>120</b>	<b>100</b>

Tradicionalmente esse verbo não possui sujeito, como no seguinte exemplo:

(4) Parece que vai chover.

Segundo Kato (1999) uma sentença como essa não projetaria Spec-TP, apresentando uma estrutura parecida com a reproduzida abaixo [nossa representação].

(5)

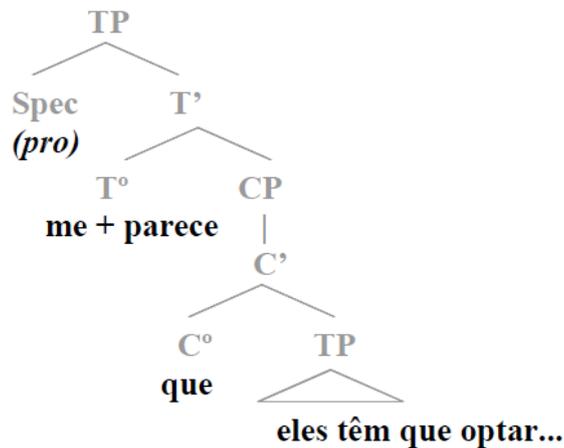


Em nossos dados, foi encontrada uma quantidade significativa de sentenças que exibiam um pronome pessoal átono antes do verbo ‘parecer’ (69%) como no exemplo abaixo.

**(6) Me** parece que eles têm que optar pelos coletivos o mais rápido possível.

Segundo a análise tradicional, em uma sentença como essa, o verbo, em algum momento, unir-se-ia ao clítico formando um complexo cl+V e mover-se-ia para T°, mantendo-se em conjunto com o clítico nessa posição (KAYNE, 1991), formando uma estrutura parecida com a exemplificada em (7) [nossa representação].

**(7)**



Tal análise se mostra inconsistente, uma vez que, como foi dito anteriormente, o pronome pessoal *me* em PB não demonstra mais características de um pronome átono (LOBO; LUCCHESI; MOTA, 1991), pois com o fortalecimento de sua pronúncia, diferente do que acontece no PE, esse pronome passa a se comportar como um sintagma (ABAURRE; GALVES, 2002), não podendo assim ocupar o mesmo núcleo do verbo.

[...] todos os clíticos são clíticos “fortes”, inclusive o de terceira pessoa *lhe*, que se alinhou no resto do paradigma uma vez desaparecido (ou em via de desaparecimento) o clítico o/a. E todos se movem como sintagmas (ABAURRE; GALVES, 2002).

### **3 A queda do sujeito nulo no PB.**

A cada dia que passa, novos estudos demonstram como o Português do Brasil tem apresentado uma tendência ao preenchimento da posição de sujeito e como essa tendência está, tradicionalmente, relacionada ao enfraquecimento da flexão verbal, que é um dos principais critérios alegados para o estabelecimento do valor positivo para o parâmetro *pro-drop*. Diante disso, Duarte (1996) traça o percurso feito pelo parâmetro no PB, fazendo, para isso, um levantamento de toda trajetória da teoria desde seu estabelecimento por Chomsky (1981).

Duarte (1996) selecionou peças de teatro escritas entre 1845 e 1992 de autores considerados populares. Foi considerado apenas um autor por período, sendo que todos eram do Rio de Janeiro. A partir da análise dessas peças, a autora fez um levantamento da frequência do uso do sujeito nulo no PB.

Segundo Duarte (1996), Chomsky (1981) postula a existência da GU (Gramática Universal), que é determinada geneticamente e formada por um conjunto de princípios e parâmetros; estes variam de língua para língua enquanto aqueles são invariáveis e estão presentes em todas as línguas humanas.

Um dos parâmetros estabelecidos por Chomsky (1981) é o chamado parâmetro “*pro-drop*”, que é o responsável pelo fato de as línguas apresentarem a possibilidade de realizar, ou não, o sujeito, foneticamente. Naquele momento, o fator eleito como o principal responsável por permitir a ocorrência do sujeito nulo foi o elemento de concordância (AGR) forte, que era capaz de se fazer recuperar o sujeito, embora este não estivesse explícito. A exclusividade desse critério para o estabelecimento do parâmetro, entretanto, foi abandonada com a publicação de Huang (1984), que demonstrava como o Chinês, língua sem flexões verbais, exibia o sujeito nulo.

No PB, Duarte (1996, p. 109) alega que houve uma simplificação dos paradigmas flexionais conforme a tabela abaixo:

**Tabela 3:** Evolução nos paradigmas flexionais do Português brasileiro

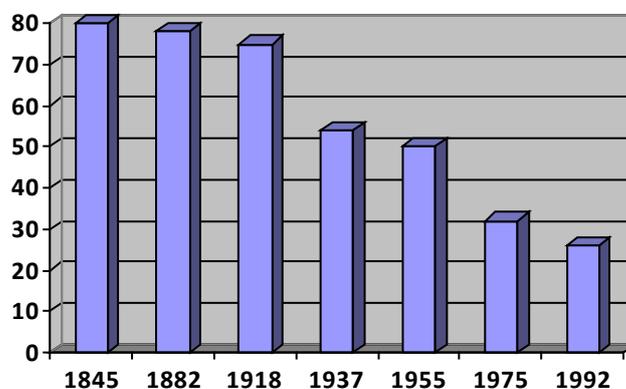
Pessoa	Número	Paradigma 1	Paradigma 2	Paradigma 3
1 <sup>a</sup>	Singular	Canta-o	Canta-o	Canta-o
2 <sup>a</sup> direta	Singular	Canta-s	-----	-----
2 <sup>a</sup> indireta	Singular	Canta-∅	Canta-∅	Canta-∅
3 <sup>a</sup>	Singular	Canta-∅	Canta-∅	Canta-∅
1 <sup>a</sup>	Plural	Canta-mos	Canta-mos	Canta-∅
2 <sup>a</sup> direta	Plural	Canta-is	-----	-----
2 <sup>a</sup> indireta	Plural	Canta-m	Canta-m	Canta-m
3 <sup>a</sup>	Plural	Canta-m	Canta-m	Canta-m

Fonte: Duarte (1996, p. 109)

Pode-se perceber que, de um paradigma mais complexo (paradigma 1), chega-se a um bem mais simplificado, com apenas três formas e com a ausência absoluta da segunda pessoa direta.

O gráfico (1), presente em Duarte (1996, p. 112), demonstra como a ocorrência do sujeito nulo vem decrescendo com o passar dos anos.

**Gráfico 1:** Ocorrência total de sujeitos nulos



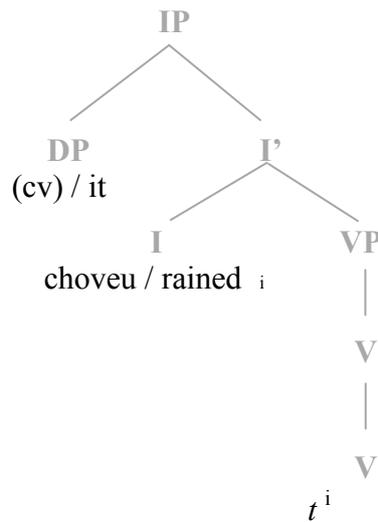
Fonte: Duarte (1996, p. 112)

Os dados do gráfico acima revelam que entre 1845 e 1918, houve uma alta frequência de sujeitos nulos, com a prevalência do paradigma 1. A partir de 1937, o paradigma 2 é implementado, e a ocorrência de sujeitos nulos cai bruscamente, até chegar à marca de pouco mais de 20% em 1992.

### 3.1 O Princípio de Projeção Extendido (EPP)

Segundo o Princípio de Projeção Estendido (EPP), todas as línguas naturais possuem sujeito em suas orações. Ele garante que a posição de Spec-TP esteja sempre presente na sentença. O elemento que preencherá essa posição será nulo ou com matriz fonética de acordo com as propriedades paramétricas de cada língua, conforme se vê na figura abaixo [nossa representação].

**Figura 1:** Representação de EPP



O Princípio de Projeção Estendido (EPP, do inglês Extended Projection Principle), segundo Chomsky (1998), requer, assim, que a posição de Spec-IP seja preenchida por alguma categoria. Desse modo, a satisfação a EPP, segundo Holmberg (2000, p. 13), pode ocorrer de várias maneiras como por exemplo: a) pelo movimento de um DP temático; b) pela inserção de um XP expletivo; por pronomes clíticos; ou, ainda, por meio de afixos de concordância que se adjungem ao núcleo To.

### 3.2 Agr e Clítico como sujeitos da sentença

Kato (1999) faz um levantamento daquilo que a teoria do parâmetro pro-drop aponta como licenciadores de *pro* nas sentenças. Segundo a autora, as análises feitas por Adams (1987)<sup>4</sup> e Duarte (1996), para o Francês antigo e para o PB moderno, respectivamente, colaboram com a tese de Agr rico como identificador de

<sup>4</sup> ADAMS, M. From old french to the theory of pro-drop. *Natural language and linguistic theory* 5: p.377-401.

*pro*, ou seja, uma concordância forte seria o principal elemento licenciador do sujeito nulo.

Estudos posteriores como o de Sigurðsson (1994) sobre o Islandês antigo, porém, mudaram essa visão, uma vez que essa língua, embora tenha permanecido com seu sistema flexional praticamente inalterado, perdeu sua capacidade de licenciar *pro*, como se pode ver na tabela abaixo.

**Tabela 4:** Paradigma verbal Islandês antigo X Islandês moderno

		Islandês antigo			Islandês moderno		
S	1st	<i>leita</i>	<i>segi</i>	<i>é</i>	<i>Leita</i>	<i>segi</i>	<i>sé</i>
S	2nd	<i>leitar</i>	<i>segir</i>	<i>sér</i>	<i>Leitar</i>	<i>segir</i>	<i>sér</i>
S	3rd	<i>leitar</i>	<i>segir</i>	<i>sér</i>	<i>Leitar</i>	<i>segir</i>	<i>sér</i>
P	1st	<i>leitum</i>	<i>segjum</i>	<i>sjáum</i>	<i>Leitum</i>	<i>segjum</i>	<i>sjáum</i>
P	2nd	<i>leitit</i>	<i>segit</i>	<i>sjáit</i>	<i>Leitið</i>	<i>segið</i>	<i>sjáið</i>
P	3rd	<i>leita</i>	<i>segja</i>	<i>sjá</i>	<i>Leita</i>	<i>segjá</i>	<i>sjá</i>

Fonte: Kato (1999)

Após analisar o licenciamento de *pro* do ponto de vista da concordância, Kato (1999) propõe uma abordagem do ponto de vista da estrutura da sentença. Para isso, faz menção ao trabalho de Soriano (1989) que alega que, em línguas pro-drop, o pronome forte realizado está em uma posição não argumental (A-barra), criando uma estrutura de redobro com o sujeito nulo considerado como um pronome fraco. “Para ela (Soriano), em línguas não pro-drop, como o Inglês, o pronome nominativo aparece na posição de um pronome fraco, enquanto que nas línguas pro-drop, essa posição é ocupada por *pro* (ficando o pronome forte em uma posição mais alta)” (KATO, 1999). Como nos exemplos em (6) retirados de Kato (1999, p. 21) do PE.

- (6)  $[\Sigma_P EU_i [_{TP} pro_i [vou.$   
 $[\Sigma_P O JO\tilde{A}O_i [_{TP} pro_i [vai.$

Este fato justificaria, por exemplo, construções de dialetos do PB em que há aparentemente o redobro do pronome e a inserção de um clítico no lugar de *pro*, como nos exemplos abaixo.

- (7)  $[\Sigma_P EU_i [_{TP} me_i [vou.$   
 $[\Sigma_P ELE_i [_{TP} se_i [foi.$

#### **4 O Português brasileiro, uma língua V2**

De acordo com Fiéis (2002), o Português Medieval (PM) era uma língua V1 como se pode ver na tabela abaixo retirada de seu texto.

**Tabela 5:** Ocorrências de V1 e V2 no Português Medieval

	V1	V2	TOTAL
Séc. XIII	18	8	26
Séc. XIV	39	23	62
Séc. XV	5	2	7
Séc. XVI	7	1	8
Total	69	34	103

Fonte: Fiéis (2002, p. 6)

O PE, por ser uma língua que mantém características de uma língua de sujeito nulo, assim como o PM, exibe uma ocorrência elevada de orações V1. O PB, por sua vez, parece apresentar características de língua V2, uma vez que apresenta verbo finito em segunda posição da sentença, precedido por apenas um constituinte. Como afirma Pinto (2010): “Em termos gerais, o fenômeno V2 implica na existência de um constituinte, qualquer que seja a sua função sintática, seguido imediatamente do verbo na sentença matriz [...]” (PINTO, 2010).

A nossa afirmação de que o clítico em primeira posição da sentença tem o objetivo de checar o traço EPP se fundamenta na reflexão de que “movimento de constituinte é utilizado como último recurso para checagem de traços” (PINTO, 2010). Assim é plausível essa análise, tendo em conta que o clítico em PB, como foi dito acima, não é, como em PE, uma partícula átona que deve se adjungir ao verbo. Como afirmam Abaurre e Galves (2002), “[...] no PB, todos os clíticos são clíticos ‘fortes’ [...] E todos se movem como sintagmas” (ABAURRE; GALVES, 2002).

Além disso, conforme Adger (2003), os clíticos dativos podem ocupar a posição de Spec-TP, que não é mais considerada uma posição exclusiva do sujeito. O que confirma nossa hipótese de que o PB precisa de algum elemento de qualquer categoria na primeira posição, ainda que seja um clítico dativo, para que EPP seja checado e para que o verbo finito, assim, fique em segunda posição da sentença.

Os exemplos abaixo demonstram o comportamento dos verbos em PB com relação à sua posição na sentença.

- (8) a) Marina **pensa** que Paulo **gosta** dela.  
b) Meu colega **garantiu** que me **emprestaria** os livros.  
c) Renata **acha** que me **engana**.

Os enunciados acima exemplificam a maneira como os verbos se comportam no PB com relação ao seu posicionamento na sentença. Nesses períodos compostos há duas orações, a principal e uma subordinada. Os verbos “*pensa*” “*garantiu*” e “*acha*”, que são os verbos das orações principais “*Marina pensa*”, “*Meu colega garantiu*” e “*Renata acha*”, respectivamente; estão na segunda posição da oração, precedidos apenas pelos DPs “*Marina*”, “*Meu colega*” e “*Renata*” que recebem, nesses exemplos, Caso Nominativo.

Os verbos “*gosta*”, “*emprestaria*” e “*engana*”, que são os verbos das orações subordinadas “*que Paulo gosta dela*”, “*que me emprestaria os livros*” e “*que me engana*”, respectivamente; também aparecem na segunda posição da oração, sendo precedidos apenas pelos XPs “*Paulo*” (30a) , que recebe Caso Nominativo, “*me*” (30b) que recebe Caso Dativo e “*me*” (30c), que recebe Caso Acusativo. O complementizador “*que*”, por sua vez, está ocupando a posição de C<sup>o</sup> nos três exemplos, o que comprova que os verbos subiram apenas até T<sup>o</sup>, uma vez que C<sup>o</sup> já estava ocupado.

A partir desse fato, pode-se afirmar, portanto, que o PB se comporta como uma língua V2 simétrica, aos moldes do iídiche, pois tanto naquela como nesta língua, o verbo não sobe até C<sup>o</sup>, e, sim, até o núcleo T<sup>o</sup>, enquanto algum XP é juntado (merged) ou movido para a posição de Spec-TP, como afirma Moraes (1996) quando diz que “o V move-se para T nos dois tipos de sentenças. [...] O V não sai do TP e Spec-TP deixa de ser uma posição exclusiva do sujeito” (MORAIS, 1996).

## **5. O clítico em posição pré-verbal checa EPP**

Alguns autores, como os citados adiante, têm afirmado que, diferentemente do PE, “no PB, todos os clíticos são clíticos ‘fortes’” (ABAURRE; GALVES, 2002); e ainda que “[...] no Brasil, ‘ao invés de ter ocorrido o enfraquecimento das vogais não-acentuadas, houve (...) o seu fortalecimento’, convertendo-se os pronomes em ‘partículas semitônicas’” (LOBO; LUCCHESI; MOTA, 1991, p.155 ).

[E]nquanto em Portugal houve o enfraquecimento na pronúncia dos pronomes átonos, fazendo com que a língua manifestasse a preferência pela ênclise, visto que tende a 'incorporar os pronomes oblíquos (...) ao verbo, deles fazendo uma espécie de sufixo'; no Brasil, 'ao invés de ter ocorrido o enfraquecimento das vogais não-acentuadas, houve [...] o seu fortalecimento', convertendo-se os pronomes em "partículas semitônicas" (LOBO; LUCCHESI; MOTA, 1991, p. 155).

Segundo Abaurre e Galves (2002), ao citarem Uriagereka (1992), os clíticos de 1ª e 2ª pessoa (me, te) são clíticos "fortes" em relação à 3ª pessoa (o/a). Sendo assim, estes devem se mover, não como núcleos, mas como sintagmas ou (XPs), como se vê abaixo:

Proporemos que, no PB, todos os clíticos são clíticos "fortes", inclusive o de terceira pessoa *lhe*, que se alinhou no resto do paradigma uma vez desaparecido (ou em via de desaparecimento) o clítico o/a. E todos se movem como sintagmas (ABAURRE; GALVES, 2002).

Como se pode perceber, segundo Abaurre e Galves (2002), os clíticos em PB, devido ao seu fortalecimento prosódico, devem se comportar como sintagmas. Assim, é impossível que dois elementos fortes como dois sintagmas - o verbo e o clítico pronominal do PB - possam ocupar um mesmo núcleo na sentença, uma vez que o clítico nessa língua não se assemelha, como em Portugal, a um sufixo que se adjunge a um verbo. Portanto, propomos uma nova análise para a colocação do clítico pronominal dentro da estrutura da sentença em PB.

A partir disso, propõe-se que o clítico, para atender ao traço [uP] de EPP, será movido para a posição de Spec-TP.

## **6 Checagem do Caso Nominativo**

Em seu artigo *Strong and weak pronominals in the null subject parameter*, Kato (1999) afirma que "Agr [+pronominal] deve ser entendido como a gramaticalização/incorporação dos pronomes pessoais na flexão verbal e que devem ser analisados em distribuição/competição com pronomes fracos e sujeitos clíticos"<sup>5</sup>.

---

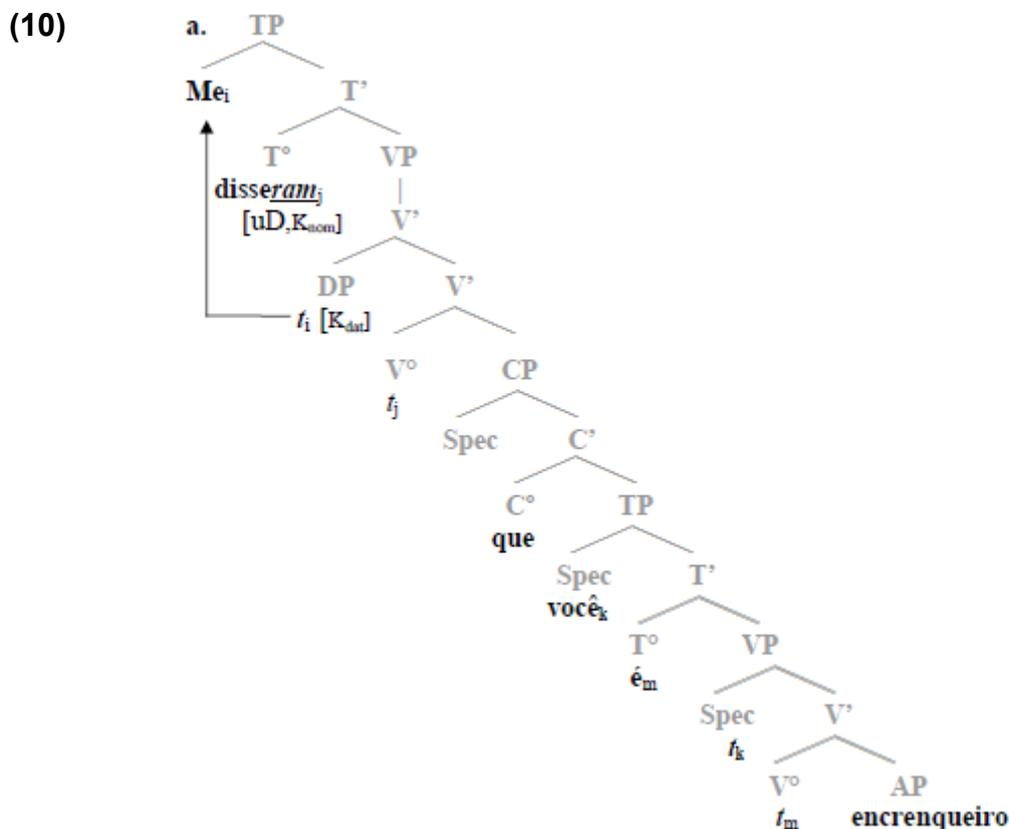
<sup>5</sup> Tradução nossa: "[+ pronominal] Agr, understood as gramaticalization/incorporation of personal pronouns in verbal inflection, will be claimed to be in complementary distribution/competition with weak pronouns and subjects clitics" (KATO, 1999, p. 3).

Segundo a autora, Agr [+pronominal] será um item lexical independente na numeração, enquanto Agr [-pronominal] será parte do verbo lexical. Agr [+pronominal] é formalmente um D, como pronomes fracos e clíticos, e podendo, por isso, checar os traços D e Caso [Nominativo] presentes em T. Tal fato causa a não projeção de Spec-T e a interpretação da inexistência de *pro* como uma categoria D (KATO, 1999 : 3).

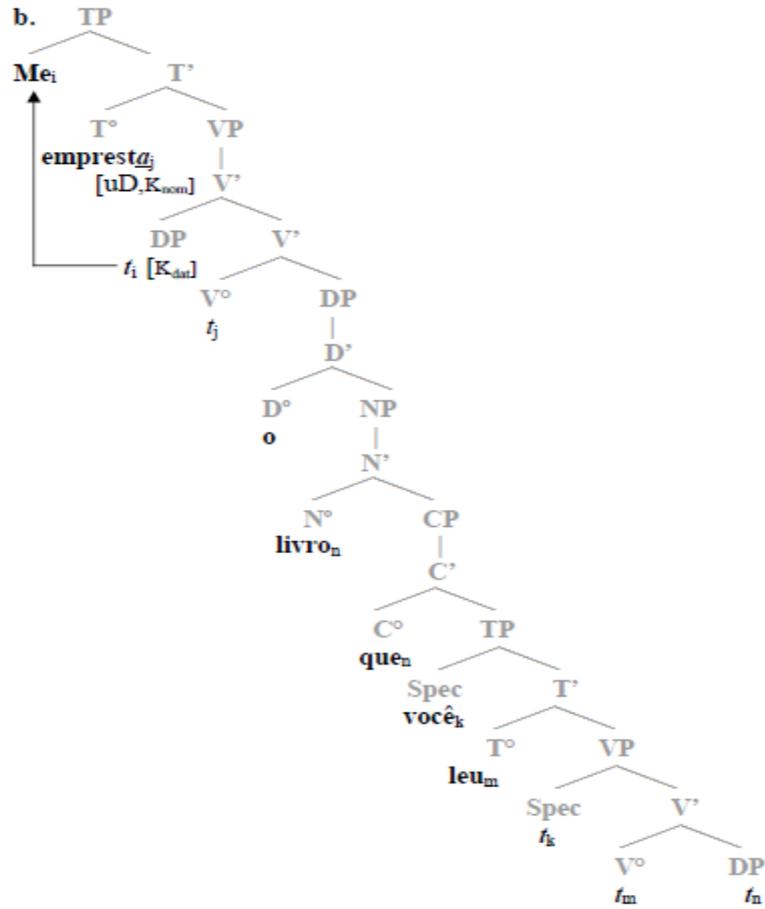
Com base em tal afirmação, defende-se que nas estruturas de sujeito indeterminado, sentenças imperativas e em sentenças com o verbo *parecer* inacusativo, presentes (1) e reproduzidas em (9), o pronome pessoal de 1ª pessoa (me) se encontra em Spec-TP, que é projetado apenas para alocar esse item, uma vez que os traços D e Caso Nominativo já foram checados por Agr presente em T°.

- (9) a. Me disseram que você é encrenqueiro.  
 b. Me empresta o livro que você leu?  
 c. Me parece que as coisas estão boas para você.

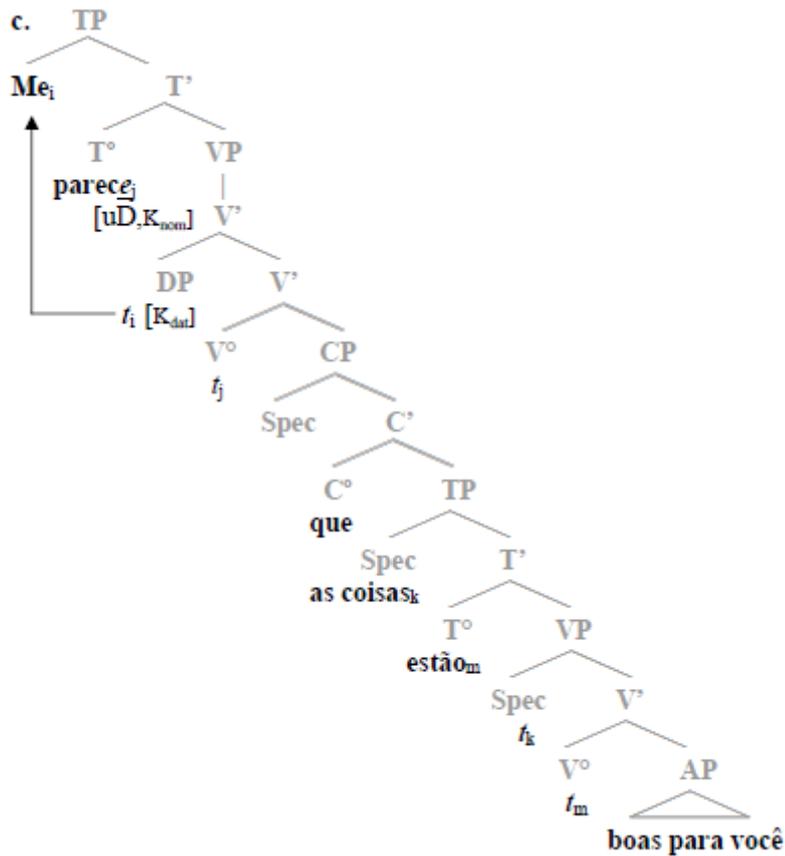
Dessa maneira, sua representação arbórea seria representada como (10), (11) e (12) [nossa representação]:



(11)



(12)



## **Considerações**

Assim, como demonstrado acima, a posição de sujeito de uma sentença não deve ser considerada uma posição exclusiva de elementos nominativos. Fica, portanto, claro que *sujeito* é uma posição estrutural da sentença e que elementos de qualquer natureza, ainda que seja um pronome átono, podem ocupar essa posição. O que deve ser destacado, entretanto, é que esse movimento de elementos variados para a esquerda do verbo é devido ao fato de o português brasileiro possuir uma tendência a se tornar uma língua de sujeito obrigatório, assim como o inglês e o francês, por exemplo.

## **Referências**

ABAURRE M. B. ; GALVES, C. *Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático - fonológica*. In: CASTILHO, A. e BASÍLIO M. (Orgs). *Gramática do Português Falado*. Vol IV: *Estudos Descritivos*. Campinas, SP: UNICAMP, 2002, p. 267-312.

ADGER, D. *Core Syntax: A minimalist approach*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

BUTHERS, C.M. *Emergência da ordem [XP V (DP)] no PB contemporâneo e o parâmetro do sujeito nulo: uma abordagem minimalista*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009.

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, N. *Minimalist inquiries: the Framework*. Cambridge, MITWPL 15, 1998.

CUNHA, Celso e CINTRA, Luis F. L. *Nova Gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 717 p.

DUARTE, M.E.L. *Do pronome nulo ao pronome pleno: A trajetória do sujeito no Português do Brasil*. In: ROBERTS, I. e KATO, M. *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. UNICAMP, 1996.

FIÉIS, A. (XP) V S em Português Medieval. *Actas do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri/APL. 2002. p. 175–187.

GALVES, C. ; BRITTO, H. S. ; PAIXÃO DE SOUSA, M. C. . *The Change in clitic placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus*. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 4, p. 39-67, 2005.

HOLMBERG, A. *Scandinavian Stylistic Fronting: How Any Category Can Become an Expletive*. *Linguistic Inquiry*, v. 31, n. 3, 2000.

KATO, M. Strong and weak pronominals in the null subject parameter. *PROBUS*, 1999.

KAYNE, R. *Romance Clitics, verb movement and PRO*. *Linguistic Inquiry*, 1991- p. 647-686, vol. 22.

LOBO, T. ; LUCCHESI, Dante ; MOTA, J. . . *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador - Bahia, v. 12, p. 147-158, 1991. In: SARAIVA. Líbia M. S. *A colocação dos pronomes átonos na escrita do domínio jornalístico e nos inquéritos do projeto NURC: uma análise contrastiva*. 2008. 108 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

MORAIS, Maria Aparecida C. R. T. *Aspectos diacrônicos do Movimento do verbo, estrutura da frase e caso nominativo no Português do Brasil*. 1996.

PINTO, Carlos F. C. *Línguas românicas, línguas germânicas, movimento do verbo e efeito V2*. In: ANAIS DO SETA, Número 4, 2010.

SIGURÐSSON, H. Á. *On Narrative Inversion and Basic Word Order in Old Icelandic*. Reykjavík: Institute of Linguistics, 1994

SORIANO, Olga Fernandes. Strong Pronouns in Null Subject Languages and The Avoid Pronoun Principle. In: P. Branigan et alii (eds.) *MIT Working Papers in Linguistics*, 11. 228-39. 1989.